

CEDI - P. I. B.  
DATA 30 / 12 / 86  
COD. OKD 03

14

GRUPO DE TRABALHO FUNAI/RADAM

PROC. N.º 2615/82

FLS. 84

RELATÓRIO SOBRE A ÁREA INDÍGENA

RUBRICA *[assinatura]*

ARARIBÓIA

O Posto da Reserva Indígena Araribóia está localizado a 36 km de Amarante e a 100 km de Montes Altos por estrada precária, porém, como principal acesso rodoviário até o momento. A outra única opção é a estrada ainda mais duvidosa e quase em desuso que se liga com o PI Angico Torto. Como os nossos estudos no Maranhão efetuaram-se a partir de abril, já no final do inverno (estação chuvosa), não houve obstáculos mais sérios, não obstante ainda haver dificuldades, com grande desgaste material. O outro acesso é o aéreo, sendo o campo de pouso distante uma légua a leste.

Fundado pelo SPI em 1951, o Posto Araribóia, durante 22 anos, assistiu sozinho às vinte e três aldeias de toda a Reserva, mas era um cargo demasiadamente pesado para uma sede que ainda hoje sofre dificuldades de acesso e a falta de comunicação. Teve assim sua tarefa aliviada pela criação dos Postos. Angico Torto e Canudal. Desde então passou a assistir a nove aldeias que são as do Funil, na sede, Fortaleza, Bacurizinho, Borges, Três Lagoas, Buritirama, Olho D'Água, Guaruhú e Cabeceira. Perfazem uma população total, segundo o último recenseamento, de 808 índios, sendo 403 homens e 405 mulheres.

Localizado pela margem direita do Rio Buriticupu, o Posto Araribóia já teve, em verdade, melhores dias. Minucioso relatório datado de 1950 - hoje raridade devido à quase completa destruição dos documentos antigos da DR, - demonstra a importância e as atenções que lhe foi dada pela então 3ª Inspeção Regional; através da Ajudância de Barra do Corda.

Data daquele período o bom prédio que ainda hoje é a casa-sede. O telefone de magneto que lhe foi instalado na época para se comunicar com a então sub-ajudância de Grajaú, ainda lá está, desativado. E quem geria esta sub-ajudância era o Sr. Raimundo Vianna, membro da grande Família Vianna, proprietária de terras em todo o centro-sul do Maranhão e hoje um dos nossos informantes.

PROC. N.º 2618/82  
 FLS. 85

A parte as impressões subjetivas e inevitavelmente tendenciosas inerentes a qualquer ser humano, especialmente na condição dele, de antigo militante do SPI e, ao mesmo tempo, participante da ordem econômica regional numa época obscura e conturbada, seus depoimentos são bastante esclarecedores e trazem à tona inúmeros subsídios demonstradores das tensões formadas com o choque de interesses entre os diversos segmentos da Sociedade Nacional em expansão e as sociedades Indígenas de cultura oposta, com suas variáveis. Na luta interna entre as oligarquias regionais dominantes, o Índio era frequentemente usado como instrumento e contendo-se a isto, mas evitado de contradições por interesses pessoais ou facções políticas, o SPI e a Igreja desgastavam-se mutuamente, refletindo no Índio um comportamento ambíguo que dura até hoje.

Seja como for, porém, tendo em vista o que se conseguiu criar e manter de Reservas indígenas, considerando-se a área total do Maranhão, a antiguidade e a voracidade da ocupação não-indígena no Estado e a pequena força política do SPI, temos que reconhecer-lhe os frutos do seu esforço. Se sua orientação quase sempre paternalista distorcia os objetivos da integração do Índio já estipulados desde o Marechal Rondon, por outro lado, a abnegação de muitos funcionários conseguiu garantir o que hoje é a base definitiva de todas as Reservas cujas últimas feições são agora propostas.

Assim foi com a Reserva Indígena Araribóia. Durante muitos anos, seus limites souberam resistir às invasões e os indígenas, assim protegidos e rodeados por escassa população não-Índia, puderam guardar até hoje a maioria de suas tradições. Os rituais foram mantidos e seus costumes originais são exaltados sem constrangimentos e inibições, num flagrante contraste com outras comunidades de Grupo Guajajara como a do Pindaré, por exemplo, onde a hostilidade aos valores indígenas e a proximidade e intensidade das influências externas têm coagido profundamente aos indígenas a envergonhar-se de suas tradições mais remotas.

Enquanto os Guajajara do Araribóia mantêm vivos todos os rituais de passagem e entoam seus cânticos xamânicos originais, no Pindaré, seus habitantes já abandonaram a maioria dos rituais, e suas canções de pajelança bem como outras festas, já encontram forte inspiração de origem cristã, num processo de sincretismo cultural bem mais violento.

PROC. n.º

FLS.

RUBRICA

Os Guajajara do Araribóia dispõem, por outro lado, de um ambiente natural muito importante e motivo fundamental da ratificação dos atuais limites, plenamente satisfatórios à unanimidade dos indígenas liderados pelo veterano Tuxáwa Cipriano: a franja inicial da Selva Amazônica por aquele lado, dispondo assim, tanto de área de floresta como área de cerrado, cada qual com seus recursos naturais específicos. Enquanto a Aldeia do Funil, por exemplo, está na parte da floresta, o campo de pouso já está no cerrado. Esta condição privilegiada tem seu limite extremo no Morro Grande, partindo uma linha de 90 quilômetros que vai sair na estrada Grajaú-Arame, e outra que vai englobar a parte da floresta de ambas as margens do Rio Buriticupu até encontrar os limites sob a responsabilidade do PI Canudal.

Manter este patrimônio, portanto, é essencial para conservar o equilíbrio físico e psicológico da comunidade de forma a melhor assimilar o processo de integração preconizado pela nossa sociedade.

Dois itens de maior importância restam para ser observados: o primeiro se refere às benfeitorias ali iniciadas e não terminadas pela FUNAI. De fato, a escola e a enfermaria foram interrompidas à meia construção e estão deteriorando com o tempo.

A segunda questão, esta de maior gravidade, é sobre a invasão não-indígena que está atingindo os pontos mais importantes de caça e obtenção de material dos índios da Aldeia da Cabeceira, ameaçando estender-se as demais aldeias. Esta depredação do patrimônio do índio está sendo feita por de um certo Martim Jibóia que já atingiu o Suçarau, na cabeceira do Igarapé Serozal, local dos mais utilizados pelos índios. Os demais lugares ameaçados são o Tauari, Aracapé e Lagoa Grande que ficam próximos.

No verão estes problemas se agravam porque é o tempo de novas derrubadas e preparo de roças. É preciso reprimi-las desde agora.

O Povoado Nunes Freire, com cerca de trezentos habitantes distante a uma légua do Posto e a trinta quilômetros de Amarante, está, em verdade, fora da área. Todos os moradores conhecem as divisas da Reserva e o têm respeitado. Os problemas se limitam, portanto, ao consumo eventual de bebidas alcoólicas pelos indígenas, embora num grau menos grave que na maior parte das outras Reservas.

PROC. N.º 0603/82  
FLS. 80  
RUBRICA [assinatura]

CONCLUSÃO

Os limites já definidos para a Reserva Indígena administrada pelo Posto Araribóia satisfazem inteiramente aos indígenas. Sua única reivindicação, tão justa quanto modesta, é a de receberem todo o apoio para expulsarem os invasores que, de poucos anos para cá, vêm ocupando e destruindo uma das poucas Reservas ainda fartas de recursos para os indígenas no Estado do Maranhão.

As outras medidas infra-estruturais mais urgentes são o término das construções da FUNAI já iniciadas e a instalação de radiofonia, deficiência muito séria e geral da grande maioria dos postos desta DELEGACIA REGIONAL.

Brasília, 13 de setembro de 1976.

[assinatura]  
ALCEU COTIA MARIZ

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO - FUNAI

Proc.	2618/82
Fis.	141
Kubi...	Ma...

INFORMAÇÃO Nº 051 /DID/DGPI/83  
REF.: PROC. FUNAI/BSB/2618/82  
ASSUNTO.: Reserva Indígena Araribóia

Senhora Chefe,

O presente processo trata da identificação e delimitação da terra indígena Araribóia.

Consultando a documentação existente neste Departamento, con seguimos apurar:

- 1) A Reserva Indígena Araribóia, localiza-se no município de Amarante do Maranhão, MA, é habitada pelo grupo indígena Guajajara, que se auto denominam Tenetehara, pertencentes ao tronco linguístico tupi.
- 2) Existem 23 aldeias dentro da Reserva, e uma população indígena de cerca de 1.050 pessoas (dados de 1976).
- 3) A Reserva Indígena Araribóia, compreende 3 Postos Indígenas: P.I. Araribóia, P.I. Angico Torto e P.I. Canudal, todos habitados pelo mesmo grupo indígena Guajajara, com problemas relativamente comuns.
- 4) P.I. Araribóia: localizado na cabeceira do Riacho Buriticupu (Funil) afluente do Rio Pindaré. Fundado em 1951, pelo SPI, jurisdiciona 9 aldeias com uma população total de cerca de 808 índios.
- 5) P.I. Angico Torto - situado a 60 Km da sede do P.I. Araribóia, a margem do Riacho Buriticupu. Este P.I., assim como o P.I. Canudal, resultou do desmembramento, em 1975, do P.I. Araribóia, que desde 1951, era o único responsável pelas 23 aldeias da área. Pop. cerca de 120 índios.
- 6) P.I. Canudal - também a 60 Km da sede do P.I. Araribóia, a margem do Riacho Buriticupu. Pop. cerca de 121 índios.
- 7) A Reserva possui uma área total de cerca de 413.589.93ha.
- 8) A delimitação da Reserva Indígena Araribóia foi feita em 1976, pela equipe do Projeto FUNAI/RADAM.
- 9) A demarcação da área se concretizou em 1978.

CONCLUSÃO:

- 1 - as terras indígenas Araribóia enquadram-se no genero - terras ocupadas ou habitadas pelos silvícolas - previstas no art. 17, item nº 1, da Lei 6.001/73.
- 2 - a Área está definida e demarcada desde 1978, mas não existe

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Proc. 2698/83
Fls. 142
Mubrica: Marcia

te ainda Portaria do Presidente da FUNAI declarando-a de posse indígena nem Decreto do Presidente da República de reconhecimento da terra indígena.

3 - a única documentação existente neste Departamento sobre o assunto, data de 1978.

4 - Pelo relatório do antropólogo da FUNAI, que integrou o Projeto FUNAI/RADAM, o mais grave problema enfrentado pela reserva é a invasão de suas terras pelos regionais.

Assim sendo sugiro:

a) consultar a 6ª DR, via memorando, sobre a situação atual das terras da Reserva Indígena Araribóia, e

b) encaminhar o presente processo aos outros setores deste Departamento, objetivando dar prosseguimento à regularização das terras indígenas Araribóia.

Em anexo, junto histórico do grupo indígena Guajajara.  
Brasília, 05 de fevereiro de 1983.

*Marcia R. David Fonseca*  
 Marcia R. David Fonseca  
 Socióloga  
 FUNAI/DGPI

REF : Pasta suspensa Araribóia

*Senhor Diretor do DGPI,  
 em cumprimento à solicitação  
 de V. Sa, fls 140, encaminho a  
 Informação nº 051/DID/DGPI/83,  
 da Irmã socióloga Fonseca,  
 endossando as sugestões feitas  
 itens a e b, fls 142  
 Em anexo, memo de consulta  
 à 6ª DR sobre situação atual  
 da R-1 Araribóia.*

*BSS, 4/2/83*

*Thiemaquã*

*Sendo de Almeida Demoroun*  
 Ch. Dir. local. Desempenho  
 DID | DGPI | FUNAI

DGPI/HPF /rm.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Proc.	2618182	7
Fis.	143	
rubrica	Mañero	

### GRUPO INDÍGENA GUAJAJARA

O Grupo Guajajara, pertence ao Tronco linguístico TUPI, família Tupi-Guarani, língua Tenetehara, dialeto Guajajar. auto-denominam-se Tenetehara.

Durante os séculos XVII e XVIII, são citados pelos cronistas e exploradores como habitantes do alto Pindaré. Na segunda metade do século XVII, os jesuítas iniciaram os trabalhos de catequese entre os Tenetehara do Pindaré. Em 1730, um número razoável teria sido atraído para os aldeamentos jesuíticos. A partir do século XIX a Tenetehara foram envolvidos pela frente de expansão pastoril, acompanhada por uma agricultura de subsistência e de extração vegetal, sobretudo o banana. Nos finais do século XIX, foram fundados vários núcleos populacionais, ocasionados pelo surto da borracha e pela extração do óleo de copaíba. (1)

Apesar da longa convivência com portugueses e brasileiros, esse grupo tribal é um dos poucos, em território nacional, que têm aumentado seu contingente populacional e mantido seus padrões culturais básicos. A economia foi, certamente, a parte mais afetada pelo embate intercultural, refletindo suas consequências em todo o sistema social indígena.

#### ASPECTOS ECONÔMICOS-SOCIAIS

Passado o impacto inicial dos primeiros contatos, quando os Tenetehara viram sua população reduzida por guerras, doenças etc, experimentaram um relativo crescimento populacional. O aumento populacional foi da ordem de 70% no período compreendido entre 1942-1973.

Apesar do longo contato, os Tenetehara nos dias de hoje conseguem manter sua individualidade. Assim a língua, a chefia idealmente hereditária, o sistema de parentesco do tipo Hawaiano, a família extensa matrilocal, a descendência bilateral, a poligínea, e o xamanismo continuam culturalmente operantes.

A economia de subsistência, na base na agricultura de coivara, na caça e, secundariamente, na coleta e na pesca.

Proc. 2618182  
 Fis. 144  
 Rubrica: Proteção

8

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

mantida. Mas, a vivência intersocietária levou-as inevitavelmente, a tornarem-se participantes marginais da economia regional. Em consequência disso, dedicam-se à confecção de artesanato para venda e, eventualmente, executam serviços braçais para civilizados vizinhos, serviços esses restringidos por influência do órgão protecionista. A comercialização do artesanato, constitui fonte de obtenção de dinheiro para compra de bens manufaturados.

(2)

ASPECTOS MÁGICO-RELIGIOSOS

A unidade mais importante na estrutura social Tenetehara é a família extensa. O número de indivíduos em uma família extensa depende, principalmente da autoridade do líder, sua capacidade de organização e sucesso nas empreitadas.

O líder da família que também é um pajé conta com mais um fator para o sucesso de sua atividade, posto que reúne o máximo controle sobre o grupo, combinando religião, laços de parentesco e controle econômico.

A tendência no reavivamento dos padrões tradicionais da cultura se percebe na manutenção da língua no xamanismo e na "festa do moqueado" (ritual de iniciação de jovens); um fato que ilustra a relação dialética entre o conservantismo e a mudança cultural é o ritual xamanístico. Enquanto o espírito do Kaipora masca e fuma maconha (chamada de Diamba pelo grupo) o espírito do Karaiú (civilizado) bebe cachaca. (3)

O poder e importância de um pajé é função direta do número de sobrenaturais que é capaz de controlar ou conchamar por meio de canções, danças e fumo. No ato de cura o pajé se aproveita do sobrenatural para efetua-la.

*[Handwritten Signature]*  
 MARIA NOVION  
 Ant. e Soc. - DID

DCPI/DID/ON/era.



Proc. 2618
Fis. 145
Rubrica: <i>Wagley</i>

 9

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

Bibliografia

- (1) IIB - Os Tenetehara (Guajajara e Tembô). FUNAI 1982.
- (2) DINIZ, E. e L.M. Cardia. A situação atual dos índios Tenetehara in Revista de Antropologia. Sep. - do do volume XXII São Paulo - 1979.
- (3) Wagley C e E. Galvão. Os índios Tenetehara. Uma cultura em transição. MEC 1961.